



RESENHA:
**QUESTÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:
UM DESAFIO ÉTICO-POLÍTICO AO SERVIÇO SOCIAL**

Laís Melo de Andrade¹

¹ Assistente Social, Pesquisadora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) em Comunicação, Cultura e Mídia (linha de pesquisa: Cultura, Mídia, Consumo e Identidade); Especialista em Saúde, Seguridade e Políticas Públicas pela UNIFG; Gestão em Organizações do Terceiro Setor e Projetos Sociais pela UNOPAR; Gestão Cultural pela UESC; Especializanda em Educação em Saúde Popular na Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis pela FIOCRUZ.

E-mail: ass.laismelo@gmail.com

Maria das Graças e Silva, autora da obra *Questão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Um desafio ético-político ao Serviço Social*, São Paulo, editora: Cortez, ano de 2010, mestre e doutora em Serviço Social, professora do departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pesquisadora do GET – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho e desenvolvendo pesquisas centradas na categoria trabalho tendo como subáreas: capitalismo contemporâneo, meio ambiente e serviço social.

A obra publicada pela editora Cortez que publica inúmeras temáticas acerca do Serviço Social, a principal referência da área. Será feita a resenha do primeiro capítulo do livro, que apresenta o capitalismo e a destrutividade através dos meios de produção e consumo do capitalismo. Um dos livros usados por estudantes e profissionais de Serviço Social na matéria desenvolvimento sustentável e meio ambiente.

O capítulo *Capitalismo e Destrutividade: produção e reprodução da “questão ambiental”* está dividido em quatro subseções que são: a propriedade privada e os fundamentos da questão ambiental; a questão ambiental e o debate em curso; o capitalismo do século XX: contradições sociais e ambientais e por fim a questão ambiental: um alerta para a humanidade.

Cada subcapítulo aborda, o capitalismo em meio a questão ambiental, a primeira subseção fala da propriedade privada e os fundamentos da “questão ambiental”, o domínio da terra, a acumulação primitiva e a dialética da natureza, o processo de trabalho e o surgimento do excedente de produção. Na segunda subseção é apresentada a questão ambiental e o debate em curso, trazendo pontos cruciais do desenvolvimento econômico, crítica sobre o produtivismo, pensamento ecológico e a problematização da expansão tecnológica.

No terceiro subcapítulo apresentado como *Capitalismo do século XXI: contradições sociais e ambientais*, expõe o avanço do neoliberalismo minimizando a participação do Estado com a ideologia do ‘Estado mínimo’ qual promove o processo de privatização dos bens públicos. E

por último, o tema é voltado para a “Questão ambiental”: um alerta para a humanidade, a autora argumenta sobre o modo burguês de produzir e reproduzir-se, a riqueza tecnológica e a decadência da natureza podendo levar a crise do capitalismo.

‘Sob o signo do capital, a humanidade vem aprofundando sua trajetória de destruição da natureza, em níveis cada vez mais inquietantes’ (p.45), a autora aborda assuntos, voltados a propriedade privada e os fundamentos da “questão ambiental”, isto é, relata sobre a difícil relação entre a sustentabilidade do meio ambiente e o modo de produção capitalista, faz análises em relação à destruição da natureza e em contraposição enfatiza a conservação dos bens naturais. Para dar embasamento a sua obra, a autora faz uso de estudos de diversos autores, entre eles, Karl Marx.

No livro *O Capital* (p.20, 1988) em especial seção 4 ‘o fetichismo da mercadoria e o segredo’, Marx, fala sobre o valor de uso, e as necessidades do homem, e a transformação da natureza em objeto/mercadoria.

É evidente que a atividade do homem transforma as matérias que a natureza fornece de modo a torná-las úteis. Por exemplo, a forma da madeira é alterada, ao fazer-se dela uma mesa. Contudo, a mesa continua a ser madeira, uma coisa vulgar, material. Mas a partir do momento em que surge como mercadoria, as coisas mudam completamente de figura, transforma-se numa coisa a um tempo palpável e impalpável.

O capitalismo predominante na sociedade moderna, cada vez mais acelera o nível de destruição ambiental, em busca da matéria prima, isso faz com que os recursos não renováveis que é a essência das ciências econômicas, a qual determina o modo de produção, tal como o capitalismo, e, por ser não renovável os recursos acelera a destruição da natureza e seus ecossistemas.

A autora menciona no início do capítulo que existe a ‘contradição crescente entre as necessidades de expansão da produção e as condições do planeta para prover esse desenvolvimento’ (p. 45). Essa contradição é muito presente na produção em larga escala e no pla-

neta junto à necessidade de preservar e conservar seus recursos.

Mediante o exposto, a ONU produziu um relatório com 1.350 cientistas, entre os anos de 2001 a 2005, onde diagnostica a saúde dos ecossistemas em relação com a manutenção da vida humana, este documento aborda em mensuração econômica os efeitos da degradação ambiental, causado pela ação humana, e ainda põe em discussão as chances de não acabar com a fome, pobreza extrema e doenças, devido a tendência destrutiva do capital sobre a natureza.

O Fundo Mundial para a Natureza-WWF¹ calcula que 15% dos mais ricos da humanidade consomem energia e recursos em níveis altíssimos gasta mais do que a grande massa cerca de 2,6 planetas terra, agora imaginem 7 bilhões de pessoas independente da classe social, o quanto consomem de recursos que não são renováveis?

Graças e Silva, menciona que a degradação ambiental é iniciada antes da sociedade capitalista, ela cita Marx, 2004, sobre o ganancia dos homens (p. 106). Mas o quadro de ameaças a sustentabilidade iniciasse com a produção em larga escala, que surgiu na Revolução Industrial, como também a poluição das maquinas a vapor no final do século XVIII para início do século XIX, aborda Marx, 1977, ‘a essência do sistema capitalista está, pois, na separação radical entre o produtor e os meios de produção’ (p.14).

Logo vemos, a natureza sendo explorada junto ao trabalhador que vende sua força de trabalho e esse movimento faz que os donos do capital acumulem mais riquezas e altere as relações entre sociedade e natureza. A autora afirma que o ‘modo capitalista de produzir firma-se no poder humano sobre a natureza, no mesmo ponto que não há uma relação adequada e respeitosa para com ela’ (p.58).

A natureza é a extensão do corpo humano, onde o homem satisfaz as suas necessidades biológicas, fisiológicas e de consumo materialista através das relações so-

ciais e capitalistas. O homem se diferencia dos animais, pelo trabalho e pela sua capacidade de modificar a si e a natureza, tentando domina-la o homem se apropria e após o seu uso se devolve, porém, o mesmo gera uma relação de degradação ao meio ambiente.

Com a exigência de expansão o capital não se faz presente nas necessidades da natureza, fazendo com que ela seja mutilada, aumentando os níveis de desmatamento, com as indústrias em busca de matéria-prima, há exploração do trabalho e do solo, ferindo legislações ambientais.

No século XX é perceptível que não só o capitalismo que vai de encontro com a natureza, mas qualquer outro meio de produção e economia que venha atuar, pois a natureza é base de todo o planeta terra, mas infelizmente, a degradação ambiental é comandada pela economia, pois sua força é maior que o Estado.

Isso torna visível a dependência e a relação do homem com o meio ambiente, através dos contextos históricos, e os avanços do capital junto a globalização, em busca das riquezas e valorização dos bens materiais a curto prazo, faz com que os recursos ambientais sejam dilapidados rapidamente. A autora defende que a:

Resulta desta dinâmica do capital – que direciona os desenvolvimentos tecnológico e científico para a produção de bens de consumo efêmero e de armas de destruição – a acentuação da “questão ambiental”, a qual mergulha a humanidade em um dilema que atravessa o conjunto da vida societal: ou promove a superação do sociometabolismo caucionado no valor de troca ou coloca em risco sua própria reprodução físico-biológica, assim como do conjunto da vida sobre o planeta (p.66).

Em meados da década de 70 e 80 houve uma crise da reprodução do capital, que gerou vários debates, como a precarização do homem que trabalha, ou seja, o impacto da saúde do trabalhador nas grandes indústrias e o avanço tecnológico e a mobilidade geográfica. Neste mesmo cenário a autora cita abordagens sobre o eco-

1 Autora do livro não mencionou a data.

fascismo que gera versões anti-humanista e o ecosocialismo que tem como objetivo a propriedade coletiva e o fim da exploração do trabalho e degradação do planeta.

Graças e Silva apresenta uma argumentação que:

É a partir dos anos 1970 que os propósitos e ações relativos ao ambiente assumem um lugar específico como problemática, diferenciando-se das iniciativas anteriores, tanto em termos de visibilidade como também pela incorporação de novas dimensões - como a luta contra o uso dos agrotóxicos, por exemplo -, demonstrando mudanças importantes nas bandeiras e ações anteriores, bem como uma complexificação deste campo. É também a partir das décadas de 1970 e 1980 do século passado que esta questão passa a ocupar um lugar de crescente importância também para os países periféricos (p.83)

A autora frisa que na mesma medida que há expansão tecnológica, também há crise ecológica que vem justamente, das condições históricas e atuais, ou seja, a poluição de rios, mares, devastação de florestas, extinção de algumas espécies. Um dos pontos mais importantes do debate, sobre a questão ambiental é a publicação em 1972 do relatório *Limits to growth* o qual aponta a impossibilidade de um crescimento ilimitado do qual depende dos recursos naturais que são esgotáveis.

A discussão referente ao meio ambiente e ao modo de reprodução capitalista aponta para uma crise na sociedade atual, dentre as críticas feitas pelos ecologistas ao produtivismo está à possibilidade de se ter um sistema capitalista capaz de controlar seus excessos, tendo em vista que o princípio básico do capitalismo é o lucro que geralmente acontece independente do que seja necessário para se obtê-lo.

Um ponto que merece destaque no pensamento ecológico é a concepção romântica da natureza, que vive a utopia de uma natureza em perfeito estado, regida independentemente da vontade do homem, sendo que na natureza está grande parte da matéria-prima usada pelo

capital destinada para o mercado.

A autora retrata a relação entre o movimento ambientalista e o modo de produção capitalista e afirma que a problemática ambiental, pautada no pensamento marxista, origina-se da forma histórica, o qual, a devastação da natureza, o processo de industrialização e a construção da sociedade capitalista contribuíram para a crescente degradação ambiental e as investidas dos ambientalistas contra a destruição da natureza.

Segundo Marx o progresso tem relação com o trabalho humano, dada a sua capacidade transformadora, além de apontar os avanços tecnológicos como forças hostis ao trabalhador, contudo, os meios de produção estão concentrados nas mãos dos capitalistas que decidem o quê, quanto, como produzir, com que energia e como será o transporte de sua produção, dito isso, o papel da democracia no meio ambiente expõe a desigualdade ambiental assim como a social, porém, a democracia luta para a preservação ambiental e respeito.

Previsto na Constituição Federal de 1988, no artigo 225 que 'todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações'.

O avanço do neoliberalismo minimiza a participação do Estado, promovendo um aumento da privatização dos bens públicos, a tendência do capitalismo do século XXI revela um complexo sistema de acumulação financeira, as reformas neoliberais, a reestruturação produtiva e a naturalização da questão social conformam um movimento em favor do grande capital, ainda que isto ocorra através da crescente dilapidação da natureza e da exacerbação da questão social.

Quando falamos em questão social não nos referimos apenas às expressões de pobreza, miséria e exclusão, mas também a banalização do ser humano, que vem se tornando cada vez mais alienado dentro do processo de acumulação de capital imposto pelo modo de produção capitalista.

Por fim, o texto apresenta críticas ao modo de produzir riqueza do capitalismo que interfere diretamente na degradação ambiental, com base neste fato, é comum nos dias atuais haverem discussões que envolvam assuntos ligados à preservação do meio ambiente, como a redução do uso de matérias primas, a reciclagem de resíduos sólidos, entre outros, tendo em vista que as forças produtivas ameaçam a natureza e por vez a humanidade, e a escassez dos produtos naturais pode levar a uma crise do capitalismo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SILVA, Maria das Graças e. Questão Ambiental e desenvolvimento sustentável: um desafio ético-político ao Serviço Social. 1ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2010. ISBN:978-85-249-1621-2.